

ESPACIOS URBANOS EN EL OCCIDENTE MEDITERRÁNEO (S. VI-VIII)

INTRODUCCIÓN.	06	Diego Peris Sánchez
UN TERRITORIO URBANO EN LA VEGA BAJA DE TOLEDO		

EL ESPACIO URBANO EN LOS SIGLOS VI Y VIII 13

ESPACIOS FUNERARIOS Y ESPACIOS SACROS	15	Josep M. Gurt i Esparraguera
EN LA CIUDAD TARDOANTIGUA. LA SITUACIÓN EN <i>HISPANIA</i>		Isabel Sánchez Ramos
SPAZI ECONOMICI DELLE CITTÀ NELL'ITALIA DELL'VIII SECOLO	29	Paolo Delogu
IMPORTACIONES Y CONSUMO ALIMENTICIO EN LAS	45	Darío Bernal Casasola
CIUDADES TARDORROMANAS DEL MEDITERRÁNEO NOR-OCCIDENTAL		Michel Bonifay
(SS. VI-VIII D.C.): LA APORTACIÓN DE LAS ÁNFORAS		
LA CITTÀ IN ITALIA TRA VI E VIII SECOLO: RIFLESSIONI DOPO	65	Sauro Gelichi
UN TRENTENNIO DI DIBATTITO ARCHEOLOGICO		
CIUDAD Y ESTADO EN ÉPOCA VISIGODA:	87	Lauro Olmo
TOLEDO, LA CONSTRUCCIÓN DE UN NUEVO PAISAJE URBANO		
LA PRESENCIA MUSULMANA EN VEGA BAJA	113	Ricardo Izquierdo Benito

LAS CIUDADES DE LA PENÍNSULA IBÉRICA 121

MÉRIDA CONTRA TOLEDO, EULALIA CONTRA LEOCADIA:	123	Sabine Panzram
LISTADOS "FALSIFICADOS" DE OBISPOS		
COMO MEDIO DE AUTOREPRESENTACIÓN MUNICIPAL		
LEGIO (LEÓN) EN ÉPOCA VISIGODA: LA CIUDAD Y SU TERRITORIO	131	J. Avelino Gutiérrez González, Emilio Campomanes Alvaredo, Fernando Miguel Hernández, Carmen Benítez González, Pilar Martín de Otero, Fernando A. Muñoz Villarejo y Felipe San Román Fernández
ORIGEN Y EVOLUCIÓN DEL CENTRO DE PODER DE	137	Saray Jurado Pérez
CÓRDOBA DURANTE LA ANTIGÜEDAD TARDÍA (SIGLOS V-VIII)		
DE <i>IULIA TRADUCTA</i> A <i>AL-YAZIRAT AL-HADRA</i> .	143	Rafael Jiménez-Camino Álvarez, Ildefonso Navarro Luengo, José Suárez Padilla, José María Tomassetti Guerra
LA ALGECIRAS DE LOS SIGLOS VI AL VIII A TRAVÉS DE LA EXCAVACIÓN		
ARQUEOLÓGICA DE LA CALLE ALEXANDER HENDERSON, 19-21		
¿CONTINUIDAD O CAMBIO EN LA DIETA ENTRE LA POBLACIÓN	153	Rafael Jiménez-Camino, Darío Bernal, José Antonio Riquelme, Mila Soriguer, José Antonio Hernando, Cristina Zabala
BIZANTINA Y PALEOANDALUSÍ? APROXIMACIÓN A PARTIR DEL REGISTRO		
FAUNÍSTICO DE DOS INTERVENCIONES ARQUEOLÓGICAS EN ALGECIRAS		
LA TRANSFORMACIÓN DEL PAISAJE DEL ÁREA	165	Mª del Camino Fuertes Santos
NOROCCIDENTAL CORDOBESA Y DEL PALACIO IMPERIAL DE		Rafael Hidalgo Prieto
MAXIMIANO TRAS LA CAÍDA DE LA TETRARQUÍA		
FORMACIÓN Y USOS DEL ESPACIO URBANO TARDOANTIGUO EN TARRACO	173	Ricardo Mar, J. Javier Guidi-Sánchez
EL YACIMIENTO HISPANOVISIGODO DE "CÁRCAVAS"	183	Esther G. Domínguez Fernández
EN ILLESCAS (TOLEDO). AVANCE DE LOS RESULTADOS		Ramón López Lancha
DE LA PRIMERA FASE DE LA INTERVENCIÓN ARQUEOLÓGICA		
PREVENTIVA, EN UN ASENTAMIENTO DE AMPLIA DISPERSIÓN		
TRANSFORMACIÓN FUNCIONAL DE ESPACIOS	191	Victoria Amorós Ruíz
REPRESENTATIVOS EN LOS INICIOS DEL EMIRATO.		Víctor Cañavate Castejón
LA BASÍLICA Y EL PALACIO EPISCOPAL DE EL TOLMO DE MINATEDA		

CIUDAD Y TERRITORIO 199

- LA ARTICULACIÓN DE LA CIUDAD Y EL TERRITORIO EN LA CUENCA MEDIA DEL DUERO DURANTE LA ANTIGÜEDAD TARDÍA. UNA PROPUESTA DE APROXIMACIÓN A PARTIR DE LOS DATOS ARQUEOLÓGICOS 201 José M^a. Gonzalo González
Inés M^a. Centeno Cea
Ángel L. Palomino Lázaro
- EL YACIMIENTO DE CASA HERRERA EN EL CONTEXTO DEL TERRITORIO EMERITENSE (SIGLOS IV-VIII) 211 Tomás Cordero Ruiz
Isaac Sastre de Diego
- EVOLUCIÓN Y TRANSFORMACIÓN URBANA DE LAS CIUDADES DEL ALTO VALLE DEL DUERO DURANTE LA ANTIGÜEDAD TARDÍA 219 Eusebio Dohijo
- CIVITAS, CASTELLUM, VICUS AUT VILLA* EN EL DUCADO DE CANTABRIA. EL PANORAMA URBANO Y LAS FORMAS DE POBLAMIENTO EN EL DUCADO DE CANTABRIA 229 José Ángel Lecanda
- CIUDAD Y TERRITORIO EN CATALUÑA DURANTE EL SIGLO VIII 239 Ramón Martí

OTROS TERRITORIOS 247

- CIUDAD Y TERRITORIO EN RELACIÓN CON EL COMERCIO AFRICANO EN LA COSTA ESTE DE *HISPANIA* DURANTE LOS SIGLOS V Y VI. LA APORTACIÓN DE LA CERÁMICA A CIDADE DE BRAGA E O SEU TERRITÓRIO NOS SÉCULOS V-VII 249 Ramón Járrega Domínguez
- CONIMBRIGA, THE SURROUNDING TERRITORY, AND A SHORT REMARK ON LUSITANIAN LATE ANTIQUITY 255 Luís Fontes, Manuela Martins, Maria do Carmo Ribeiro e Helena Paula Carvalho
- EL USO Y EL SUMINISTRO DE AGUA A LA CIUDAD DE ROMA EN EL PERIODO OSTROGODO: 476-552 DC. 263 Adriaan De Man
- TRANSFORMACIÓN URBANA Y DIVERSIDAD REGIONAL EN EL OCCIDENTE DE LA ANTIGÜEDAD TARDÍA. LOS CASOS DE *HISPANIA* Y *BRITANNIA* 267 Javier Martínez Jiménez
- 275 Meritxell Pérez Martínez

LA VEGA BAJA DE TOLEDO 283

- EL SISTEMA MONETARIO VISIGODO Y SU ALCANCE REGIONAL: EL EJEMPLO DE LA PROVINCIA *CARTHAGINENSIS* Y LA CECA DE TOLEDO 285 Manuel Castro Priego
- DE *TOLETUM* A *TULAYTULA*: UNA APROXIMACIÓN AL USO DEL ESPACIO Y A LOS MATERIALES DEL PERIODO ISLÁMICO EN EL YACIMIENTO DE VEGA BAJA (TOLEDO) 295 Jorge de Juan Ares
Yasmina Cáceres Gutiérrez
- LA CONSERVACIÓN DEL YACIMIENTO ARQUEOLÓGICO DE LA VEGA BAJA 305 M^a Dolores Ortín Arranz
- GAYAPRO: UN MODELO DE GESTIÓN ARQUEOLÓGICA 309 José Manuel Villasante, F. Javier García
- LA SECUENCIA CERÁMICA DE ÉPOCA VISIGODA DE VEGA BAJA. UNA PRIMERA APROXIMACIÓN 315 M^a del Mar Gallego García
- EL MATERIAL ÓSEO TRABAJADO DEL YACIMIENTO ARQUEOLÓGICO DE LA VEGA BAJA (TOLEDO) 327 Yasmina Cáceres Gutiérrez
Jorge de Juan Ares

Luís Fontes¹ (Arqueólogo da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho; investigador do CITCEM: Agrupamento Paisagens, Fronteiras e Poderes)

Manuela Martins² (Professora Catedrática do Departamento de História da Universidade do Minho; Responsável da Unidade de Arqueologia; investigadora do CITCEM: Agrupamento Paisagens, Fronteiras e Poderes)

Maria do Carmo Ribeiro³ (Professora Auxiliar do Departamento de História da Universidade do Minho; colaboradora da Unidade de Arqueologia; investigadora do CITCEM: Agrupamento Paisagens, Fronteiras e Poderes)

Helena Paula Carvalho⁴ (Ídem anterior)

A CIDADE DE BRAGA E O SEU TERRITÓRIO NOS SÉCULOS V-VII

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende abordar os processos de continuidade e mudança ocorridos na cidade de *Bracara Augusta* e respectivo território, entre os séculos V e VII.

Pese embora o carácter descontinuado e fragmentário da informação arqueológica e a escassez de fontes documentais relativas a este período, as investigações arqueológicas desenvolvidas na cidade de Braga e sua envolvente, nas últimas décadas, permitem esboçar um primeiro ensaio de síntese sobre a evolução do seu tecido urbano na Antiguidade Tardia, sobre a topografia cristã antiga de *Bracara* e sobre a organização do seu território.

De facto, a cidade de *Bracara Augusta* revela continuidade de ocupação, identificando-se, contudo, alterações significativas: desactivação de grandes edifícios públicos romanos (teatro, termas, anfiteatro); aparecimento de novos marcadores arquitectónicos (conjunto episcopal cristão, templos cristãos); transferência do poder político (desactivação do foro e construção do conjunto palatino da Falperra); apropriação de espaços (edifícios públicos desactivados, pórticos e ruas); transformação da rede de circulação interna (encerramento de ruas e eventual abertura de outras na sequência da construção da muralha); alterações nos subúrbios imediatos (necrópoles e áreas oficiais) e próximos (edificação de templos e mosteiros cristãos).

Assim, para esta abordagem da cidade de Braga e do seu território envolvente, nos séculos V a VII, considera-se fundamentalmente três tópicos: a morfologia urbana e a arquitectura; a topografia e arquitectura cristãs; e o ordenamento do espaço rural.

2. MORFOLOGIA URBANA E ARQUITECTURA

2.1. A cidade do século IV

Bracara Augusta, capital do convento bracaraugustano, viu reforçada a sua importância política e administrativa com a sua elevação a capital da nova província da Galécia, criada por Diocleciano. Esta circunstância refor-

çou significativamente a sua centralidade e protagonismo, expressando-se numa intensa actividade edilícia e económica, que traduz a importância da cidade no contexto da Hispânia tardo-antiga (Lemos *et al* 2002; Martins 2009a).

A construção de uma potente muralha, que cercou uma área com cerca de 48ha, e que assume, simultaneamente, um cariz político e militar, irá condicionar algumas das transformações registadas no tecido urbano ao longo dos séculos seguintes (Lemos *et al* 2007; Ribeiro 2008).

A cidade do século IV mantém a traça ortogonal herdada do Alto Império, verificando-se a persistência dos eixos viários, conhece uma intensa actividade construtiva relacionada com remodelações de edifícios públicos (termas e mercado? sob a Sé) (Martins 2005; Fontes *et al* 1997-98) e privados (Martins 1997-98), regista uma continuidade de utilização das anteriores necrópoles, onde se generaliza a prática da inumação (Martins e Delgado 1989-90; Fontes *et al* 2010), conserva e remodela equipamentos artesanais extramuros (Fontes *et al* 2009a; Cruz 2009), mantendo-se articulada ao exterior através da rede viária que conhece uma generalizada requalificação, testemunhada por numerosos miliários (Martins 1996; 2009b; Carvalho 2008).

As principais alterações que podem ser observadas no tecido urbano articulam-se com a desafecção do teatro (Martins *et al* 2006) e com a sistemática invasão dos pórticos por construções de carácter doméstico, processo iniciado já em época anterior (Martins 2009a).

2.2. A cidade do século V

O processo de fixação dos Suevos na Galécia, nos inícios do século V, bem como a escolha de Braga como sede do Reino não parecem afectar a dinâmica urbana, facto que se evidencia na continuidade de ocupação da cidade por uma comunidade cristianizada, que se pauta por um modelo de organização política e administrativa de matriz romana (Fontes 2009a; 2009b).

De facto, o registo arqueológico documenta a persistência da trama ortogonal anterior, tendo alguns dos seus eixos viários conhecido repavimentações, mas também um estreitamento resultante da ampliação das áreas construídas, que em alguns casos chegam a ocupar a totalidade das ruas, desactivando-as como eixos de circulação (Martins 2009a). A actividade

1. lfontes@uaum.uminho.pt

2. mmmartins@uaum.uminho.pt

3. mcriste@uaum.uminho.pt

4. hpcarvalho@uaum.uminho.pt



Fig. 1 – Planta de Bracara Augusta evidenciando processo de renovação construtiva no séc. IV

construtiva mantêm-se em remodelações sistemáticas dos espaços domésticos, sendo de assinalar, igualmente, a construção de novos equipamentos que reutilizam ou se sobrepõem a anteriores edifícios públicos, como parece acontecer com as termas (Martins 2005) e com o teatro (Martins *et al* 2006). Acompanhando esta significativa actividade edilícia constata-se a persistência de uma intensa actividade económica, quer no âmbito da produção artesanal, quer no das importações que testemunham a persistência de contactos comerciais com outras províncias romanas.

Um dos factos mais relevantes do urbanismo deste período associa-se à construção de uma primeira basílica paleocristã intra-muros, datável do século V, que sobrepõe e reaproveita edificações romanas de carácter público, numa situação periférica junto à muralha, a Nordeste (Fontes *et al* 1997-98). Integrando um provável complexo episcopal, o novo templo cristão virá a constituir-se como novo pólo centralizador urbano, deslocando o anterior centro político e religioso (foro).

Para a desactivação do foro como estrutura urbana administrativa, terá contribuído, não só o carácter errante da corte sueva, mas sobretudo a provável transferência dessa função para uma nova edificação palatina, que se constrói fora da cidade, no monte sobranceiro da Falperra. Localizada a menos de 3 km do centro da cidade de Braga, implanta-se a cerca de 560 metros de altitude, no topo de um promontório, dominando o troço inicial do curso do rio Este, a plataforma onde se implanta a cidade de Braga e a estratégica ligação entre os vales dos rios Cávado e Ave. Aí distinguem-se três edifícios, dispostos em socacos e todos de planta rectangular: a NE,



Fig. 2 – Planta de Bracara Augusta evidenciando processo de desactivação de edifícios nos sécs. V-VII

em plano superior, um grande edifício com 25x16 metros, correspondente a uma basílica paleocristã; ao centro, um edifício com 40x14 metros, que corresponderá à *aula* senhorial; em plano inferior, a SO, outras edificações, formando uma espécie de *ínsula* (Fontes, 2009b).

As necrópoles registam uma continuidade de utilização, muito embora se verifiquem alterações micro-topográficas na disposição das sepulturas que, no caso da Via XVII, se caracterizam por um progressivo afastamento do eixo da via (Martins *et al* 2010).

Deverá ter-se iniciado neste século o processo de edificação de basílicas cemiteriais, nos subúrbios da cidade, articuladas com os principais eixos viários, como poderá ser o caso de S. Victor e S. Vicente e junto ao anfiteatro, como acontece com a basílica de S. Pedro de Maximinos (Ribeiro 2008).

2.3. A cidade dos séculos VI / VII

É precisamente em torno do novo pólo religioso e dos principais eixos viários que se registam, nos séculos VI e VII, algumas continuidades estruturais características do ordenamento urbano do período anterior, designadamente no que concerne à sobrevivência de parte significativa da trama ortogonal original, sobretudo perceptível no quadrante nordeste da cidade e na continuidade de utilização das necrópoles (Martins *et al* 2010), nas quais se generaliza a prática da inumação, bem como na articulação com pequenos aglomerados populacionais que pontuam a periferia da cidade, articulados pelas antigas vias romanas (Fontes 2009a).

A par da continuidade de uma intensa actividade económica, quer no âmbito da produção artesanal, quer no das importações, a arqueologia testemunha a persistência da ocupação residencial de praticamente toda a área intra-muros da cidade, manifesta durante os séculos V e VI. No decurso do século VII, identifica-se uma progressiva concentração de população e de serviços no quadrante nordeste e uma concomitante ausência de indicadores de renovação construtiva nos sectores sul e poente da cidade. De facto, a arqueologia testemunha a persistência de ocupação residencial de algumas áreas situadas nos sectores sul e poente da cidade, que não registam, todavia, indicadores de renovação. O progressivo desinvestimento construtivo e o abandono de alguns espaços públicos, como seria o caso do foro, antecipam um cenário de ruralização daqueles sectores, em benefício de uma concentração de população e de serviços no quadrante nordeste.

Quer as fontes, quer a arqueologia, documentam que Bracara manteve um importante protagonismo político e económico durante o século VI, num momento de estabilização do reino suevo, que se encontra associado à sua conversão definitiva ao Cristianismo, sob acção de S. Martinho (Fontes 2009a). Para essa situação apontam, entre outros dados, a continuidade dos contactos com o Oriente e com o Mediterrâneo, a actividade edilícia documentada na construção de novas igrejas cristãs, entre as quais se destaca a basílica de Dume (Fontes 2006), ou a celebração dos concílios bracarenses de 561 e 572 (Costa 1965; 1997).

Desconhecem-se as consequências da invasão de Braga, em 585, que pôs fim ao reino suevo e colocou a região sob domínio visigótico (Tranoy

1974). No entanto, é presumível que este facto não tenha alterado significativamente nem o substrato populacional, nem a organização administrativa e eclesiástica, estruturada por S. Martinho de Dume. Com efeito, muito embora tenha perdido relevância política, Braga manteve a sua importância religiosa, facto que terá contribuído para a sua continuidade como núcleo urbano, com todas as funções inerentes.

A cidade dos finais do século VII é ainda herdeira do velho traçado romano, que subsiste no quadrante nordeste, intimamente articulada com uma periferia pontuada por pequenos aglomerados populacionais, relacionados com a cidade através das antigas vias romanas que ligavam Braga a Astorga (Vias XVII e XVIII), a Lugo (Via XIX) e a Mérida. A este propósito não deixa de ser significativa, a aparente perda de importância das neópoles associadas às antigas vias que seguiam para Oeste (via XX) e Sul (Via XVI).

As incursões muçulmanas a Braga, nos inícios do século VIII, poderão ter determinado a necessidade de demarcação física do espaço urbano sob brevemente, através da construção de um novo recinto fortificado, que reaproveitou parte do traçado norte da muralha romana, conservando no seu interior a trama urbana ortogonal, a qual será progressivamente alterada pelo reparcelamento dos antigos quarteirões romanos, através de processos de fragmentação e de agregação (Ribeiro 2008). No primeiro caso, verifica-se o desenvolvimento de pequenas parcelas, que repartem os antigos quarteirões e favorecem o aparecimento de novos arruamentos. No segundo, parece registar-se a construção sobre alguns dos antigos eixos viários



Fig. 3 – Topografia e arquitectura cristã antiga na área urbana de Bracara (séc. V-VII)

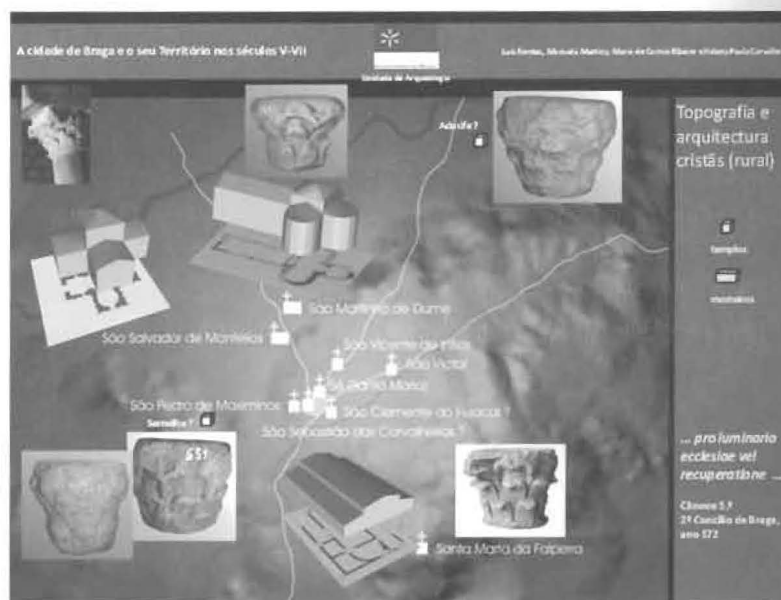


Fig. 4 – Topografia e arquitectura cristã antiga na área rural de Bracara (séc. V-VII)

Estes processos, que se desenvolverão ao longo da Idade Média, alteram a morfologia da trama romana que persiste, todavia, preservada, no traçado de algumas ruas actuais.

3. TOPOGRAFIA E ARQUITECTURA CRISTÃS

Tal como se verificou noutros núcleos urbanos do mundo romano tardio, *Bracara Augusta* também reflectiu a nova 'ordem' veiculada pela emergência e fixação do cristianismo, em Braga especialmente manifesta durante o domínio suevo e visigodo. Capital provincial romana e sede episcopal cristã desde finais do século III, *Bracara Augusta* foi, nos séculos V e VI, capital do Reino Suevo, afirmando-se como um lugar central do cristianismo do Noroeste Peninsular – a *Sedis Bracarensis*.

Com a fixação definitiva do centro político e administrativo do Reino Visigodo em Toledo, que no ano 585 anexou o Reino Suevo, e resolvidos os conflitos entre arianos e católicos com a conversão de Recaredo ao catolicismo, *Bracara* beneficiou da aliança estabelecida entre a Coroa e a Igreja, mantendo o estatuto de capital provincial civil e sede metropolitana eclesiástica.

Neste contexto, os séculos V, VI e VII constituem um período fulcral para a compreensão dos múltiplos aspectos que caracterizam tanto o fim do domínio romano, como o nascimento dos reinos cristãos alto medievais.

A emergência do reino suevo e a acção organizativa da Igreja, protagonizada por São Martinho de Dume, constituem, talvez, duas das mais significativas expressões da vitalidade sociocultural das populações do Noroeste peninsular (Fontes, 2009a). E é aos bispos bracarense, especialmente São Martinho de Dume e São Frutuoso, que se deve uma organização territorial-administrativa completamente desenvolvida, com numerosas paróquias e igrejas privadas. E das disposições conciliares retira-se, precisamente, que os séculos V, VI e VII foram um período de contínuo labor construtivo, especialmente impulsionado pela Igreja, como tem vindo a ser confirmado pelos estudos arqueológicos (Fontes 2009a; Fontes *et al* 2009b).

3.1. Na cidade

Na cidade intra-muros, para além de se verificar que toda a área permaneceu ocupada, constata-se que o provável conjunto episcopal se afirma como novo marcador urbano polarizador, a partir do século V.

Embora não seja possível pormenorizar as características arquitectónicas e a organização funcional dos espaços relacionados, para além da configuração genérica em três naves, os vestígios correspondentes ao que se interpreta como primitiva sede episcopal bracarense aceitam a sua integração no modelo basilical paleocristão que se difundiu pela Europa a partir dos séculos III e IV. Aparentemente, o modelo basilical, que se terá mantido, talvez com variações, até à organização altomedieval do território

bracarense (séculos IX-X), só veio a ser definitivamente alterado depois do ano 1000, com a edificação do templo românico (Fontes *et al* 1997-98). Apesar de não se conhecerem vestígios de outras edificações claramente identificáveis com templos cristãos, a distribuição de achados de capitéis "paleocristãos", estilisticamente datáveis dos séculos V e VI, sugerem a possibilidade de estes se localizarem na metade setentrional da cidade, reforçando a tendência de continuidade de ocupação do quadrante nordeste. Não estando associados a espaços de enterramento, que nesta época ainda se fariam extra-muros, junto de basílicas martiriais, estes elementos poderão corresponder à existência de templos correlacionados com conventos, que as fontes referem explicitamente existir em Braga, designadamente a célebre Crónica de Idácio (Cardoso, 1982; Tranoy, 1974).

A distribuição dos elementos conhecidos (capitel da Rua de São Sebastião ou dos Marchantes, capitéis das Carvalheiras e placa com crísmo da Rua dos Anjos), sugerem a conformação de uma topografia cristã fortemente vinculada a um eixo este-oeste, genericamente coincidente com os *decumani* principais da anterior cidade romana, que se articulam com as principais vias de saída da cidade e que vão afirmar-se como eixo estruturante da posterior evolução da malha urbana medieval.

3.2. Nos subúrbios

Na cidade extra-muros, a permanência das vias e necrópoles de origem romana ordenam a topografia cristã, datando deste período a edificação de basílicas cemiteriais. Umas sacralizam os espaços de enterramento romanos junto da cidade, como parece ser o caso de S. Clemente do Fajal, ladeando a antiga saída para Mérida e de S. Pedro de Maximinos, esta nas proximidades do anfiteatro. Outras parecem ordenar os aglomerados suburbanos, como acontece com S. Vicente e S. Victor, a primeira a Norte articulada com a antiga via XVIII e a segunda a Este junto à antiga via XVII.

É ainda nos arredores de *Bracara* que dois dos mais notáveis bispos de Braga fazem construir dois dos mais importantes mosteiros do Noroeste Peninsular – o de Dume, no século VI, por iniciativa de São Martinho e o de São Salvador de Montélios, no século VII, por iniciativa de São Frutuoso, que aí fez igualmente edificar o seu mausoléu. Ambos se implantam próximo da *urbs* e à margem da antiga estrada romana que ligava *Bracara Augusta* a *Lucus Augusti* por *Limia* e *Tude*, entre o *saltus* e o *ager*.

Em meados do século VI edificou-se a basílica consagrada a S. Martinho de Tours, por iniciativa do rei suevo Charrarico. Foi esta basílica que São Martinho de Dume elevou a sede episcopal, cerca de 558, após ter fundado um mosteiro junto, adaptando a antiga *villa* romana.

Os vestígios da basílica sueva estendem-se pelo adro e sob a actual igreja paroquial, numa área superior a 750 m², onde se conservam res-

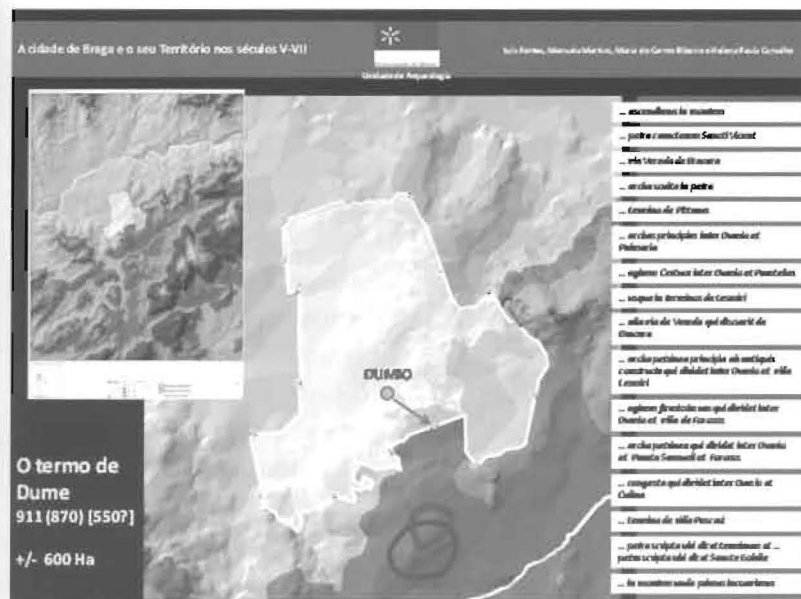


Fig. 5 – Proposta de reconstituição dos limites da diocese de Dume (sêcs. VI-X)

tos da fachada, da nave, da quadra central e da cabeceira, conseguindo-se reconstituir o traçado global do primitivo templo. Trata-se de um vasto edifício, com cerca de 33 metros de comprimento e 21 metros de largura máxima, construído com poderosas paredes de cantaria almofadada e de alvenaria graníticas, desenhando uma planta em cruz latina orientada O-E, com cabeceira trilobada e uma só nave rectangular. A penetração precoce deste modelo na região bracarense parece resultar de uma difusão oriunda das regiões italianas de Milão e de Ravenna, que aqui poderia ter chegado tanto por via marítima mediterrânica, como por via continental, esta através do reino franco-merovíngio (Fontes 2009a). A excepcional dimensão do templo, poderá explicar-se por se tratar de uma edificação de iniciativa régia, com a qual se terá pretendido afirmar o poder da coroa e testemunhar, através de uma grandiosa obra arquitectónica, a efectiva conversão do rei e do seu povo ao cristianismo católico, conversão que São Martinho Dumien- se haveria de consolidar, lançando as bases da organização administrativa e territorial da Igreja Bracarense.

Da decoração arquitectónica praticamente nada se conservou. Os raros elementos arquitectónicos que poderiam ter feito parte da edificação sueva ostentam formas ou temáticas decorativas de tradição clássica romana, com evoluções características da incorporação de gramáticas formais e decorativas locais e/ou regionais, assemelhando-se a produções datadas, noutros monumentos, dos séculos V-VIII: um fragmento de cancel, em mármore, com decoração vegetalista; um fragmento de friso com decoração geométrica de losangos, em calcário; um fragmento de grelha de gelosia, também

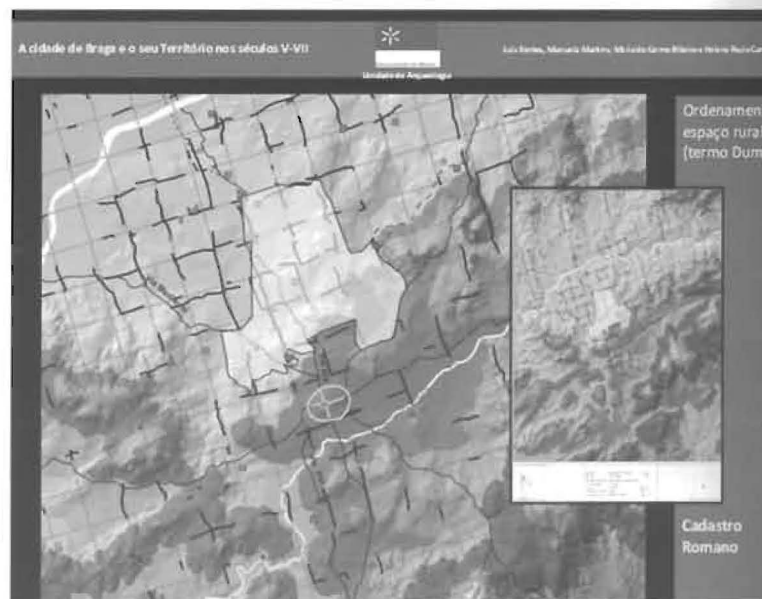


Fig. 6 – Sobreposição dos limites da diocese de Dume sobre malha cadastral romana

em calcário; e quatro capitéis do tipo coríntio, em granito. Aos séculos V-VI deve reportar-se igualmente parte de uma tampa de sepultura com resquícios de mosaico.

Depois da edificação da basílica e da reconversão da *villa* em mosteiro no século VI, o sítio não parece ter conhecido grandes transformações, testemunhando-se arqueologicamente a sua ocupação até ao século IX (Fontijn-Tekamp 2006: 2009b).

Já no terceiro quartel do século VII, também junto à antiga via romana próximo do mosteiro de Dume, no lugar de Montélios, o bispo São Frutuoso edificou um novo mosteiro, que dedicou a São Salvador, edificação esta que foi arqueologicamente confirmada por recentes trabalhos arqueológicos e sondagem. Mais amplamente conhecido é o mausoléu que, cerca de 660, referido bispo fez construir junto ao mosteiro, para abrigar a sua sepultura. Actualmente é designado por Capela de São Frutuoso. Não ultrapassando 13 metros em cada eixo, construído em sólido aparelho de cantaria granítica, o mausoléu apresenta uma planta em cruz de braços quadrados iguais, o do lado poente recto e com cobertura em abóbada de canhão e os restantes três abrigo absides em arco de ferradura e cobertura composta. Ao centro eleva-se uma torre-lanterna, rematada por cúpula semi-esférica em tijolo. Praticamente todo reconstruído nas décadas de 30 e 40 do século XX, a forma que o monumento hoje apresenta será devedora da reconstrução que terá conhecido no século X, ostentando soluções arquitectónicas complexas, em que se cruzam influências clássicas, bizantinas, moçárabe e asturianas (Fontes 2009b).

No mais afastado monte da Falperra, o conjunto palatino incorpora igualmente um templo cristão antigo, datável do século V: implantado em plano superior ao conjunto, destaca-se o grande edifício rectangular com 25x16 metros, de plano basilical com nave central e abside semicircular inscrita, em alvenaria granítica regular.

E se, do ponto de vista da arquitectura, os restos conhecidos de templos cristãos deste período nos revelam uma surpreendente actualização de modelos construtivos, detectando-se influências oriundas do Mediterrâneo oriental, da península itálica, do Sul Peninsular e do Norte de África, os elementos de decoração arquitectónica, sobretudo capitéis, denunciam tanto a permanência de padrões artísticos clássicos como evoluções que acolhem as tradições locais, testemunhando a existência de uma efectiva renovação arquitectónica (Fontes e Pereira 2009; Fontes *et al* 2009).

4. ORDENAMENTO DO ESPAÇO RURAL

Para este trabalho escolhemos como exemplo particular o espaço a Norte da cidade, uma extensa várzea fluvial que se estende até ao rio Cávado, tendo como referência particular o sítio de Dume, povoação em torno da qual se documentou a existência de um cadastro romano (Carvalho 2008) e onde, no século VI, se fundou um mosteiro, cujos limites de propriedade aparecem documentados no século X.

À *villa* romana, fundada no século I e com ocupação continuada até ao século V, sucedeu a sua adaptação a mosteiro no decurso do século VI, na sequência da edificação da basílica de São Martinho, cerca de 550. Aí se instalou S. Martinho Dumense, nomeado bispo pelo monarca suevo, vinculando-se o estatuto de diocese ao termo de Dume. O mosteiro viria a ser extinto no terceiro quartel do século IX, quando o bispo dumense Sabarico se transfere para Mondonhede, no norte galego (Fontes 1997-98; 2009b).

É precisamente este termo que é descrito num documento do ano 911 (confirmando uma anterior doação do ano 870), delimitando-se a antiga diocese de Dume com base numa detalhada descrição de elementos naturais e construídos, nomeando-se não apenas os aglomerados populacionais, que então eram designados como *villae*, como diversos elementos de demarcação — *archae*, *montem*, *petras fictas*, *via*, *terrae tumeda* (Liber Fidei, Doc. 17, in Costa 1965). Sintomaticamente, os limites descritos coincidem em parte significativa com os eixos da centurição romana, admitindo-se que algumas das *petras fictas* correspondam a cipos gromáticos (Carvalho 2008).

Aceitando que a actual paróquia de Dume herda o espaço da antiga diocese sueva, assente por sua vez numa antiga *villa* romana, não deixa de ser impressiva a descrição quadrangular que dela faz o seu pároco em 1758, na resposta a um inquérito da Coroa (Capela 2004).

Constatamos, assim, que quer os eixos romanos que serviram para organizar o espaço rural, quer os elementos delimitadores dessa organiza-

ção, têm um tempo de sobrevivência e reutilização longo, denunciando um ritmo de transformação completamente distinto do que se identifica no espaço urbano.

De facto, mau grado a desarticulação político-administrativa que acompanhou o estabelecimento do domínio muçulmano no sul peninsular, a par da reconhecida retracção populacional dos séculos VII e VIII, a região de Braga sempre esteve povoada, como confirma a actividade documentada do bispo Odoário, cerca de 750. Mas a reorganização territorial só acontece, de forma sistemática e sustentada, a partir da segunda metade do século IX, com Afonso III das Astúrias, que em 873 “restaura” a cidade de Braga (Costa 1997).

Por outro lado, e alargando a análise ao mais vasto território bracarense, a revisão crítica da documentação e da bibliografia, a par de novos achados arqueológicos, proporciona uma nova leitura da ocupação e organização do território, até hoje insuspeita (Fontes 2009a; 2009b).

Os estudos toponímicos, cruzados com as informações proporcionadas pela numismática e confirmados por achados arqueológicos, já possibilitam elaborar uma cartografia bastante aproximada da *Divisio Theodomiri*, (ou ‘Paroquial Suévico’, documento redigido já depois de 572, ano do 2.º Concílio de Braga — Costa 1965), relevando a distribuição relativamente uniforme das sedes ‘paroquiais’ pelos vastos territórios diocesanos, desenhando uma rede que assegurava a cobertura da totalidade dos territórios.

Constata-se que o entre Douro-e-Minho, região a que correspondem, *grossa modo*, as dioceses de Braga, Porto e parte da de Tui, se distingue das restantes regiões por um desenvolvimento superior da organização territorial, registando-se 30 ‘paróquias’ em Braga, 25 no Porto e 17 em Tui. Destas últimas, cerca de metade localizavam-se a Sul do rio Minho, em território actualmente português. As dioceses de Braga, Porto e Tui são também as únicas em que se faz distinção entre ‘paróquias’ (*ecclesie*) de vici (*‘in vicino sunt’*) e paróquias de pagi (*‘item paga’*), o que parece revelador da tentativa de conseguir maior articulação entre as cidades, os aglomerados urbanos secundários e o povoamento rural.

A ligação conseguida entre os diferentes pólos de povoamento parece ter constituído a base do sólido enraizamento da estrutura organizativa da Igreja Sueva, o qual generalizadamente se reconhece como resultante do particular empenho do bispo São Martinho de Dume.

A organização territorial acima referida ter-se-á mantido durante o domínio visigótico, pois a Galécia parece ter conservado a sua estrutura administrativa e económica e, no plano eclesiástico, Braga conservou o seu estatuto metropolitano, como parece denunciar o facto de continuar na posse das dioceses lusitanas de Lamego, Viseu, Coimbra e Idanha, pelo menos até meados do século VII (Costa 1997).

Embora nos faltem documentos comprovativos, pode conjecturar-se que os centros paroquiais se foram multiplicando durante o domínio visigótico, quer em resultado de novas fundações de igrejas, quer por transformação de basílicas em igrejas baptismais. No meio rural, nas proximidades de aglomerados populacionais de maior ou menor importância (*castra-castella*, *vicus* e *villae*), junto a antigos santuários ou em locais de interesse colectivo, terão surgido igrejas, basílicas e mosteiros, construídas por iniciativa do bispo, das comunidades locais ou de um patrono mais abastado – para além dos vestígios seguros de templos na cidade de Braga e nos seus arredores (Dume, São Frutuoso e Falperra), estão identificadas ruínas de um templo suévico ou visigótico na Costa (Guimarães) e indícios muito prováveis de outros em Santa Eulália de Águas Santas / Rio Covo e Banho (Barcelos), Facha (Ponte de Lima), Vila Mou (Viana do Castelo), Antime (Fafe), São João de Rei (Póvoa de Lanhoso), Santa Maria de Ferreiros (Amares), São João do Campo (Terras de Bouro) e Santo Adrião (Vizela) (Costa 1997; Fontes 2009a; Fontes *et al* 2009b).

Mais abundantes e dispersos por toda a região do entre Douro-e-Minho são os inúmeros locais correspondentes a povoados que oferecem testemunhos arqueológicos de ocupação continuada até à alta Idade Média: Cante-lães, Parada de Bouro, Pandozes e Rossas, em Vieira do Minho; Lindoso, em Ponte da Barca; Lanhoso, Calvos e São João de Rei, em Póvoa de Lanhoso; Beiral do Lima, Facha, Boalhosa, Santo Ovídio e Santa Cruz do Lima, em

Ponte de Lima; Santa Eulália de Águas Santas, Faria, Arefe, Lousado, Cristelo, Martim, Vila Cova e Abade de Neiva, em Barcelos; Cendufe, Eiras, Giela, Tavares, Parada e Santa Maria do Vale, em Arcos de Valdevez; Vila Mou, Areosa, Carmona e Santa Luzia, em Viana do Castelo; Lovelhe, em Vila Nova de Cerveira; Alvaredo, Paderne e Castro Laboreiro, em Melgaço (Fontes 2009a; 2009b).

No vasto território situado entre os rios Minho e Douro, os grandes povoados fortificados (os *castra-castella* de Idácio), são omnipresentes. Embora alguns devam ser de fundação contemporânea do domínio Suevo-visigótico, a maior parte são de fundação bem mais antiga, ainda anterior ao domínio romano. Com ocupação continuada ou interrompida, esses povoados abrigaram as populações que, fortemente rarefeitas pelas fomes e pestes do século VII, sobreviveram aos tempos incertos de desarticulação do poder no século VIII e que no século seguinte viriam a sustentar o novo esforço de organização protagonizado pela expansão asturiana. Abandonados definitivamente a partir dos séculos X-XI, continuaram a servir de referencial na localização das propriedades e na delimitação de termos durante toda a Idade Média e Época Moderna. Se a estes vestígios acrescentarmos as referências toponímicas de antroponímia genitiva, isto é, relativa a posses-sores ou proprietários, reconhecidamente anteriores ao domínio árabe na Península (Fernandes 1990), fica-se com um quadro bem mais aproximado da densidade de ocupação do território durante os séculos V-VII.

CAPELA, J. (2004): *As freguesias do distrito de Braga nas Memórias Paroquiais de 1758*. Braga: Universidade do Minho.

CARDOSO, J. (1982) (VERSÃO E ANOTAÇÕES DE): *Crónica de Idácio. Descrição da Invasão e Conquista da Península Ibérica pelos Suevos (séc. V)*. Braga.

CARVALHO, H. (2008): *O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarense*. Braga: Universidade do Minho, Tese Doutoramento apresentada à Universidade do Minho, Braga (<http://www.repositorium.pt>).

COSTA, A. (1965) (ED. CRÍTICA DE): *Liber Fidei Sanctae Bracarense Ecclesie*, I, Braga: Assembleia Distrital de Braga.

COSTA, A. (1997): *O Bispo D. Pedro e a Organização da Arquidiocese de Braga*, (2.^a ed. refundida e ampliada), vol. I, Braga: Irmandade de S. Bento da Porta Aberta.

CRUZ, M. (2009): *Vita Vitri, O Vidro Antigo em Portugal*. Catálogo de exposição, Lisboa: Ministério da Cultura.

FERNANDES, A. (1968): *Paróquias Suevas e Dioceses Visigóticas*, (Separata do ARQUIVO DO ALTO MINHO, vols. XIV, XV e XVI - IV, V e VI da 2.^a série), Viana do Castelo.

FERNANDES, A. (1990): "Oposição toponímica à doutrina do despovoamento do Norte de Portugal", in *Actas IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga (Congresso Internacional)*, vol. I, Braga, pp.225-282.

FERREIRA, J. (1924): *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga (séc. III - séc. XX)*, Tomo I, Braga: Mitra Bracarense.

FONTES, L. (1993): *Inventário de Sítios e Achados Arqueológicos do Concelho de Braga*, MINIA, 1, 3.^a série, Braga: ASPA, pp.31-88.

FONTES, L. (1991-92): *Salvamento Arqueológico de Dume (Braga)*. Resultados das Campanhas de 1989-90 e 1991-92, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 8-9, Braga, pp. 199-230.

FONTES, L. (2005): *São Martinho de Tibães: um sítio onde se fez um mosteiro. Ensaio em arqueologia da paisagem e da arquitectura*, Lisboa: IPPAR.

FONTES, L. (2006): *A Basílica Sueva de Dume e o Túmulo dito de São Martinho*, Braga: Núcleo de Arqueologia da Universidade do Minho.

FONTES, L. (2009a): *O Período Suévico e Visigótico e o Papel da Igreja na Organização do Território*, in Paulo Pereira (coord.) *Minho. Traços de Identidade*, Braga: Conselho Cultural da Universidade do Minho.

FONTES, L. (2009b): *A igreja sueva de São Martinho de Dume, nos contextos da arquitectura cristã antiga de Braga e da Antiguidade Tardia do Noroeste de Portugal*. *Revista de História da Arte*, 7, *Actas do Ciclo de Palestras Internacional sobre "Arquitectura, Mosaicos e Sociedade da Antiguidade Tardia e Bizantina a Ocidente e Oriente. Estudos e Planos de Salvaguarda"*. Lisboa: FCG / UNL, p.162-181.

FONTES, L., LEMOS, F. E CRUZ, M. (1997-98): "Mais Velho" que a Sé de Braga. *Intervenção arqueológica na catedral bracarense: notícia preliminar*, *Cadernos de Arqueologia*, 14/15, série II, Braga, pp. 137-164.

FONTES, L., MARTINS, M., VILAS BOAS, C., BRAGA, J., SENDAS, J. E MAGALHÃES, F. (2008): *Escavações arqueológicas no quarteirão dos antigos CTT (Braga)*. Resultados preliminares, in *Al-Madan*, 16 (*al-madan* Online. *adenda electronica*, IV), Almada. [<http://www.almadan.publ.pt>].

FONTES, L. E PEREIRA, B. (2009a): *Colecção de Epigrafia e de Arquitectura Medievais (séculos IX-XV)*, 2 vols., Braga: IAHC – Instituto de História e Arte Cristãs / Arquidiocese de Braga.

FONTES, L., PEREIRA, B., CARVALHO, H. E RIBEIRO, J. (2009b): *Colecção de Epigrafia e de Arquitectura Antigas (séculos I a.C. – VII d.C.)*, 2 vols., Braga: IAHC – Instituto de História e Arte Cristãs / Arquidiocese de Braga.

LEMOS, F., FONTES, L. E LEITE, J. (2002): *A Muralha de Bracara Augusta e a Cerca Medieval de Braga*, in *Actas do Simpósio Internacional Sobre Castelos. Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica (500-1500)* (Palmela, 3 a 8 de Abril de 2000), Palmela: Câmara Municipal de Palmela e IPPAR.

LEMOS, F.S.; LEITE, J.M.F. E CUNHA, A. (2007): *A muralha romana (Baixo Império) de Bracara Augusta*, in Rodríguez Colmenero, A. e I. Rodá de Llanza (eds.) *Actas del Congreso Internacional Murallas de ciudades romanas en el Occidente del Imperio. Lucus Augusti como paradigma*, Lugo, pp. 329-341.

MARTINS, M. (1996): *A cidade como elemento romanizador: o exemplo de Bracara Augusta*, in S. Reboreda Morillo, P. López Barja (eds.), *A Cidade e o Mundo: Romanización e Cambio Social*. Xinzo de Limia: Concello de Xinzo de Limia, pp. 181-201.

MARTINS, M. (1997-98): *A zona arqueológica das Carvalheiras. Balanço das escavações e interpretação do conjunto*. *Cadernos de Arqueologia*, 2.^a série, 14-15. Braga, pp. 23-46.

MARTINS, M. (2004): *Urbanismo e arquitectura em Bracara Augusta. Balanço dos contributos da Arqueologia Urbana*, in *Simulacra Romae. Roma y las capitales provinciales del Occidente*

Europeo. Estudios arqueológicos, T. 149-174.

MARTINS, M. (2005): *As temas da Cívidade. Um exemplo de arquitectura*. Bracara Augusta, in M. Martins (coord.) *Bracara Augusta. Escavações Arqueológicas*. UAUM / Narq.

MARTINS, M. (2009a): *Bracara Augusta: o estado da questão sobre o sítio*, in D. Dopico Cañzós, P. Rodríguez Villanueva Acuña (eds), *Do castrum à romanização na Gallaecia e na Hispania*, Lugo, pp.181-211.

MARTINS, M. (2009b): *A Romanização de Bracara Augusta*, in Paulo Pereira (coord.) *Minho. Traços de Identidade*, Braga: Conselho Cultural da Universidade do Minho.

MARTINS, M., FONTES, L., VILAS BOAS, C., BRAGA, J., MAGALHÃES, F. (2008): *Escavações arqueológicas no quarteirão dos antigos CTT (Braga)*. Relatório Final. *Arqueológicos da U.A.U.M./Memórias*. UAUM, [<http://www.uaum.uniminho.pt>].

MARTINS, M.; RIBEIRO, J.; MAGALHÃES, F. (2006): *A arqueologia em Bracara Augusta*. *Actas do teatro romano de Bracara Augusta*, 40. Braga, pp. 9-30.

RIBEIRO, M.C.F. (2008): *Bracara Augusta: da Idade Antiga à Idade Moderna. Uma metanálise para a leitura da evolução da paisagem*. Braga: Universidade do Minho, Tese de doutoramento apresentada à Universidade do Minho, Braga (<http://www.repositorium.pt>).

TRANOY, A. (1974): *Hydace, "Sources Chrétiennes"*, (218-219).